

Evocação de Jacinto do Prado Coelho (1920 – 1984), fundador do CLEPUL

O humanismo estético

Em 1976, no *Discurso de recepção de Luís Forjaz Trigueiros, novo académico titular da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa*, Jacinto do Prado Coelho, no auge da sua maturidade de professor e de crítico, evidenciou o que separa a sua concepção de crítica literária da do autor recepcionado, isto é, do modo como se fazia crítica literária no passado recente português:

¹Jacinto do Prado Coelho, *Discurso de recepção de Luís Forjaz Trigueiros, novo académico titular da Classe de Letras*. Lisboa: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, Tomo XVII, 1976, pp. 118 - 119.

²Cf. Maria de Lourdes Ferraz, “Uma visão do conceito de literatura na obra de Jacinto do Prado Coelho” in AA. VV., *Afecto às Letras. Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*. Lisboa: INCM, 1984, pp. 490 - 498.

³Cf. Jacinto do Prado Coelho, *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*. Lisboa: INCM, 1982.

⁴Jacinto do Prado Coelho, *A Educação do Sentimento Poético*. Coimbra: Coimbra Editora, 1944.

⁵Cf. Maria de Lourdes Belchior-Pontes, “A Educação do Sentimento Poético ou a Utopia da Formação do Gosto?” in AA. VV., *Afecto às Letras...*, ed. cit., pp. 499 - 505.

⁶Jacinto do Prado Coelho, *Ensino de Literatura e Crítica Literária*. Figueira da Foz: ed. do jornal *Mar Alto*, 1975, p. 13.

⁷Jacinto do Prado Coelho, *Problemática da História Literária*. Lisboa: Ática, 1961, pp. 7 - 57.

⁸*Ibidem*, p. 14.

E separam-nos diferenças que justificam, alimentam o diálogo. Desejamos conciliar Tradição e Inovação, mas de modos distintos: não sei se por temperamento, Forjaz Trigueiros põe a tónica na continuidade, eu na transformação que é acréscimo de vida – ou até de razão. Ele, inclinado ao memorialismo, gosta de contemplar o passado individual; eu não. Ao tratar o fenómeno literário, ele insiste em ligar indissolivelmente a obra ao homem que a gerou (...). Eu, admitindo embora como legítima a correlação autor-obra, prefiro o estudo da obra como um todo orgânico auto-suficiente (seja ela anónima ou não) e julgo mais fecunda a equação obra-leitor. Por outro lado, hábitos universitários levam-me a isolar na “impureza” da obra literária o que se denomina hoje “literariedade”, segundo a lição dos formalistas russos, e a concentrar nela a atenção. Luís Forjaz Trigueiros não esconde certa desconfiança perante a ciência da literatura, desconfiança a que se prende algo de místico na concepção de arte (...). Ora, na minha óptica, não há crítica científica, mas sim análise científica da obra literária, primeira etapa necessária para a sua cabal compreensão; e, enquanto crítico, não posso conceber a poesia como um infável, um objecto-tabu. Já estou, porém, inteiramente de acordo com Forjaz Trigueiros na rejeição duma ciência romba, desajeitada, por demais convencida de si, pois a literatura requer a delicadeza, a discricção, o sentido das matizes e das meias-sombras de que ela própria nos dá, nas suas páginas de crítica, o exemplo admirável¹.

Com efeito, o apego de Jacinto do Prado Coelho à autonomia (“auto-suficiência”) da obra literária, ainda que não independente do autor e do contexto social, bem como a relevância atribuída à equação estética “obra-leitor”, de cuja teoria é pioneiro em Portugal, constituem, na sua singularidade, o *quid* que individualiza e distingue a obra crítica de Jacinto do Prado Coelho na história da crítica literária portuguesa do século XX. De facto, a preocupação por uma análise estilística ou, de certo modo, formal, de uma obra constitui o cerne do combate travado por Jacinto do Prado Coelho pela libertação do predomínio biografista e lansoniano, segundo uma prática e um método historicista-evolutivo, do privilégio atribuído à vida do “autor” nos estudos literários, prática e concepção dominante nas Faculdades de Letras entre as décadas de 1920 e 40/50². A preocupação de Jacinto do Prado Coelho com o leitor, fundada numa teoria da recepção da obra literária, encontra-se bem espelhada logo em 1946, na *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*³, segundo a qual o autor estudado e os circunstancialismos biográfico-sociais são minimizados em favor da análise das novelas em si próprias. Esta preocupação encontra-se igualmente patente no seu primeiro livro, *A Educação do Sentimento Poético*⁴, publicado em 1944, e, como afirma Maria de Lourdes Belchior-Pontes, mantém-se, até ao final do seu magistério na década de 1970, centrado na divisa poético-pedagógica extraída dos versos de Camões: “E sabeis que segundo o amor tiverdes /Tereis o entendimento dos meus versos”⁵; isto é, segundo o “entusiasmo” por que se lê um poeta, assim se penetra superficial ou fundamente na sua obra. Com efeito, trinta anos depois, Jacinto do Prado Coelho, em *Ensino de Literatura e Crítica Literária*, respondia à questão de como ensinar literatura com o mesmo espírito com que escrevera o seu primeiro livro: “Com entusiasmo!”⁶, contaminando assim o leitor ou o aluno.

Em *Educação do Sentimento Poético*, Jacinto do Prado Coelho intenta reformular radicalmente a prática pedagógica da poesia no ensino básico e secundário ilustrando o seu livro com planos de aula, comprometendo o professor a assumir entusiasmadamente uma cultura poética que, como exemplo vivo, transmitisse aos seus alunos, de modo a apelar para uma revolução nos moldes tradicionalistas da leccionação da literatura. Influenciado pela estilística de Dámaso Alonso, que cita abundantemente em *Problemática da História Literária*, elogiando-lhe a intuição sobre a “intemporalidade da obra e do autor”, considerando embora que tanto “a obra de arte é um temporal-intemporal”⁸ quanto é legítima a visão “estética”, assim como, ainda, a visão “temporal” ou histórica, já que na mais ingente universalidade estética coexistem igualmente marcas de finitude e de temporalidade. Jacinto do Prado Coelho evidencia estas marcas do contexto social e temporal na génese do *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, defendendo que, por mais formalista e científica que se torne a historiografia e a crítica literárias, não se podem subtrair, não ao autor na sua majestade (vida, intenções morais e estéticas...), mas ao circunstancialismo conjuntural e existencial em que a obra nasce. Conclui Jacinto do Prado Coelho: “Isto justifica plenamente que uma História Literária seja, ao mesmo tempo, uma História da Cultura Literária e uma História de vivências pessoais (biografia, motivação

psicológica) que levam à criação⁹. Segundo o autor, são inseparáveis “a Crítica (ou Estilística) e História”¹⁰: “não teremos da obra literária uma visão total se a não virmos na sua historicidade, em equação com o artista (vida e cultura)”¹¹, não absolutizando, portanto, nem o formalismo da análise nem o biografismo do autor como fundamentação exclusiva da obra, mas, diferentemente, unindo ambas as visões numa síntese superior de expressão cultural. Contra o biografismo e contra o exclusivismo do formalismo, Jacinto do Prado Coelho propõe uma visão culturalista da crítica, englobando história geral, história pessoal do autor e procedimentos formais analíticos da obra por si própria, respeitando-lhe a autonomia. Deste modo, propõe a refundação da crítica literária, transfigurando-a em “História da Cultura Literária”, que “não passaria de um ramo da História da Cultura em geral”¹², e, portanto, igualmente subordinada aos métodos das Ciências Sociais e Humanas, desde a Antropologia e a História à Sociologia e à Linguística. Constatando o realismo cego dos factos transpostos para o plano da literatura, desprovidos de iluminação do espírito humano, Jacinto do Prado Coelho considera que o historiador da cultura “deve concentrar-se no aspecto original, único, das grandes criações espirituais”, tal como o historiador da literatura nos grandes aspectos originais que individualizam uma obra de arte literária. Porém, defendendo a fragilidade inerente à crítica literária, sempre em risco de falhar, Jacinto do Prado Coelho realça que, “por antecipa[r] o futuro”, uma “obra original, realmente poderosa, só pouco a pouco engendra o seu público”¹³; por outro lado, “o que vem depois ilumina, confere um sentido diferente, mais exacto, ao que veio antes”¹⁴, numa aproximação muito evidente ao conceito de crítica literária em Eduardo Lourenço.

Como David Mourão-Ferreira e Eduardo Lourenço, também Jacinto do Prado Coelho distingue crítica literária histórica de “crítica imediata”. Aquela constrói, segundo o “gosto” pessoal do crítico (o circunstancialismo conjuntural que sempre domina os estudos literários), uma genealogia de obras que confere sentido estético-literário ao seu tempo histórico, imobilizando-o ou formalizando-o; esta insere a obra analisada “na linha das obras já publicadas pelo mesmo autor”. Se a primeira intenta formalizar a literatura, detectando constantes e regularidades, a segunda temporaliza-a excessivamente, e ambas, animadas de uma mesma dialéctica estética, tensional (temporalidade-intemporalidade), concorrem para ostentar abertamente o elemento finito e existencial da literatura, a primeira a um nível estrutural (o estilo barroco só é bem entendido após a emergência do Romantismo e do Simbolismo, explicita Jacinto do Prado Coelho¹⁵), a segunda a um nível conjuntural. Tentando fundir na crítica o eterno e o instante, Jacinto do Prado Coelho desenvolve o que poderíamos designar por um *humanismo estético*, no qual o segundo termo define o que de eterno é expresso pela literatura enquanto arte e o primeiro a inevitabilidade, melhor, a fatalidade constitutiva do tempo que habita toda a obra de arte, seja escondendo muitos dos seus sentidos, seja revelando alguns destes em cada época histórica, gerando continuamente novas interpretações. Assim, de toda a obra literária, selada pela dedada do tempo, nasce permanentemente, seja na sua criação, seja na sua fruição, uma busca da “essência estética [intemporal] de novo actual [novas interpretações], e deste modo refazem a História, ampliam ou restringem o seu [da obra] campo, alteram-lhe a perspectiva axiológica”¹⁶. Fusão de forma e conteúdo, fusão de eterno-instante, infinito-finito, as obras literárias devem ser apreciadas pelo crítico “como organismos [unidades singulares] de natureza estética, percorrendo[-se] alternadamente os dois caminhos possíveis – da consideração dos ‘conteúdos’ para as ‘formas’ e da consideração das ‘formas’ para os ‘conteúdos’ – confiando nos poderes da intuição para captar o essencial, mas tendendo, quanto possível, a firmar os resultados em provas de validade objectiva”¹⁷. Eis – em síntese – a teoria crítica de Jacinto do Prado Coelho, uma teoria humanamente conciliadora entre dois extremos estéticos – o plano das “formas” e o plano dos “conteúdos”, o da universalidade e o da singularidade, o do abstracto-formal e o do concreto. Deve igualmente o crítico literário, a partir do estudo dos autores, criar genealogias literárias (cânones) que dêem solidez estrutural à história da literatura.

Em 1975, Jacinto do Prado Coelho continua o seu combate, seja contra o “preconceito historicista”¹⁸ segundo o qual a literatura (“linguagem trabalhada no sentido da produção de emoções estéticas”¹⁹) seria exclusivamente mera história da literatura (contra a vertente neo-realista da literatura), reafirmando-se, de novo, como “antibiografista”²⁰ (contra a tradição académica da primeira metade do século XX); seja contra o preconceito da “concepção mística do literário” (contra os críticos da geração da presença: José Régio, João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro, que editavam livros com os títulos *Mistério da Poesia* – J. Gaspar Simões – e *Clareza e Mistério da Crítica* – A. Casais Monteiro), segundo a qual a “literatura é um inefável”²¹. Jacinto do Prado Coelho propõe a crítica da obra por via de uma “leitura

⁹*Ibidem*, p. 23.

¹⁰*Ibidem*, p. 24.

¹¹*Ibidem*.

¹²*Ibidem*, p. 25.

¹³*Ibidem*, p. 32.

¹⁴*Ibidem*, p. 33.

¹⁵*Ibidem*, p. 34.

¹⁶*Ibidem*, p. 35.

¹⁷*Ibidem*, p. 45.

¹⁸Jacinto do Prado Coelho, *Ensino de Literatura e Crítica Literária*. ed. cit., p. 14.

¹⁹*Ibidem*, p. 8.

²⁰*Ibidem*, p. 15.

²¹*Ibidem*.

²²*Ibidem*, p. 17.

²³*Ibidem*.

²⁴Jacinto do Prado Coelho, “Limiar” in *Ao Contrário de Penélope*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1976, p. 7.

²⁵*Ibidem*, p. 8.

imanente”, centrada no texto e utilizando “recentes” métodos de análise literária (o “estruturalismo”) ou da ciência da literatura, sem que esta metodologia (o perigo do exclusivismo do formalismo, que o autor não aceita) esgote a crítica literária. Pelo contrário, ela é apenas um primeiro passo (passo analítico ou decompositivo do texto), necessário e preparatório, a que se deverá adir a “intuição” estética, uma intuição fundada numa longa prática de convívio com os textos. A estrutura do texto, desmontada pelas novas técnicas de análise textual, apenas permite revelar, à intuição do crítico, a “intencionalidade estética” (expressão de Husserl que significa que a consciência do autor teria criado um plano da realidade eminentemente estético) presente na obra. De novo contemporizando correntes adversas da crítica literária, Jacinto do Prado Coelho acrescenta que ao estruturalismo deve juntar-se, indubitavelmente, a perspectiva do leitor, isto é, a “personalidade do comentador, do intérprete”²². É neste jogo tensional, neste “corpo-a-corpo”²³, manifestando a intemporalidade-temporalidade da obra, que esta vai evidenciando, século a século, face a novas interpretações, sempre definitivas e sempre provisórias, a sua prodigiosa abertura hermenêutica. Nesta abertura reside o intrínseco valor da “liberdade” presente na história da literatura, seja hermeneuticamente fundada na pluridiscursividade e plurissignificação da obra, seja na contínua interpelação cultural por que a obra vai desafiando o tempo histórico, renascendo de nova face ou nova figuração através da obra de cada grande crítico.

O “amor” à literatura, ou o “entusiasmo” acima referido, a “alegria” que Jacinto do Prado Coelho manifestara publicamente em 1944, como sustentáculo individual para se ser crítico e/ou professor de literatura, tese permanentemente reafirmada, força-o a escrever, em 1975, que “o crítico verdadeiro não será o encartado [o intelectualista ou intelectualóide, o pedante ou diletante da literatura], mas o bom amador. Por outras palavras: o que pode justificá-lo [ao crítico] é uma profissão e amor”²⁴. Repete Jacinto do Prado Coelho neste “Limiar” os versos de Camões enunciados em 1944. Neste sentido, reafirmando as suas já então clássicas posições sobre a crítica literária, escreve:

Bem claro: a obra literária é “enriquecida” por cada leitor “suficiente”, que nela descobre (ou gera) novos sentidos e aspectos insuspeitados. Liberto do autor, o texto ganha uma vida própria. Torna-se uma relação concreta, diálogo, transacção, cópula. Tem a vida que lhe empresta a subjectividade de cada leitor. De Montaigne a Valéry não vai grande distância: história da literatura igual a história dos leitores, melhor, das leituras. Chegamos a uma concepção recente: a de Hans Robert Jauss, paladino da “estética recepcional”. Segundo ele, “a vida histórica da obra literária é inconcebível sem o papel activo que desempenha o seu destinatário”. Daí que o historiador da literatura não passe dum leitor consciente do seu lugar na sucessão histórica dos leitores²⁵.

Neste mesmo texto, numa passagem brilhante, Jacinto do Prado Coelho explicita o longo e forçado trabalho, carregado de prazer, por que nasce a “intuição” estética pela qual o crítico reconstrói e recria o sentido estético (a “intencionalidade” de Husserl) do texto, acrescentando-lhe uma nova interpretação:

Conhecer um objecto que está em frente, fixo, estruturado: o texto, conjunto orgânico de sinais, o preto no branco, a mancha da página. Uma pretensa, desafiante exterioridade. Ler, para isso, devagar, voltar atrás, reler. Em seguida, fechado o livro, refazer de memória a leitura, condensando, distendendo, desordenando os tempos, os estados, os lances diegéticos. De novo abrir o livro, fruir melhor, ponderar melhor este ou aquele passo, agora à luz duma visão de conjunto. Actualizar de cada segmento ou sequência os sentidos em que o sentido se multiplica. Dar preço às conotações. Tentar ler nas entrelinhas, preenchendo ou tão-só espiando os silêncios. Com amor, lentamente. Inserir o texto no intertexto, no contexto, no pós-texto. Ir da estrutura ao significado profundo. Da estrutura à génese. Dos estímulos aos efeitos. Desmontar, pôr em evidência o esquema, reduzir os actores aos actantes, as variações às constantes, a obra à literatura como sistema. Re-montar, alcançar as raízes. Prolongar, completar o já dito, num discurso sobre (a partir de) outro discurso. Estou a falar do crítico por excelência, do crítico-escritor, aquele que, praticando a metalinguagem, se lança na mesma apaixonada aventura [da escrita]. Aquele que, amoroso da obra, a re-escreve, reiterando e diferindo,

realizando-se em função dela, em corpo a corpo com a mesma substância ora dúctil, ora resistente: as palavras, na distância interior que vai do significante ao significado, do verso ao reverso, da presença à ausência. Quanto mais aclara e declara, mais o leitor-escritor aumenta a extensão do por-dizer²⁶.

A alegoria mitológica de Penélope tecendo e destecendo os fios de tecido serve a Jacinto do Prado Coelho para evidenciar o trabalho da crítica literária, “um tecido, senão de fios, de palavras”²⁷, compondo novo tecido, infinitamente destecido, para outra vez se tecer, e neste seu fazer-desfazer-se permanecendo iluminado pela evidente revelação de que nenhuma interpretação, nenhuma recomposição, se pode afirmar como “a verdadeira, a única”.

Esta valorização crítica da “teoria da recepção” por Jacinto do Prado Coelho, ou da ênfase posta no leitor e não no autor, não o impediu, enquanto director do *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega* (1ª edição de 1969; 3ª edição de 1973), ainda hoje verdadeiramente não superado, de conferir a esta publicação, como aliança entre o rigor e a simplicidade, um vínculo “histórico-literário”, subordinando os “artigos sobre géneros e sobre formas poéticas” a “uma perspectiva temporal”²⁸. Na segunda edição, Jacinto do Prado Coelho acrescenta: “uma das principais novidades desta edição está em algumas dezenas de artigos sobre figuras de estilo; neles se adoptou, por excepção, uma perspectiva sincrónica”²⁹, evidenciando assim, como se tornara claro em toda a sua obra, uma ausência de exclusivismo metodológico e de unitarismo crítico – se a primeira edição se regula por uma perspectiva diacrónica, na segunda são acrescentados temas trabalhados sincronicamente.

Iniciámos este texto sobre Jacinto do Prado Coelho citando um seu trabalho de 1944, saltámos para 1975/76, regressámos a 1960. Terminamos com um texto de 1969, “A letra e o leitor”, introdução ao livro com o mesmo título, onde se reafirmam as conclusões sobre a crítica literária apresentadas ao longo desta reflexão, nomeadamente a substituição da equação autor-obra pela equação obra-leitor, contributo singular de Jacinto do Prado Coelho para a história da crítica literária portuguesa do século XX:

Por detrás da escrita, no espírito de quem lê, ergue-se ainda uma voz. O que sucede é que, ao lermos, julgamos ouvir a voz dum autor, ouvimos a nossa própria, que recita em silêncio: o intérprete sobrepõe-se ao interpretado, e assim a criação se transforma na nossa recriação (até nos casos em que o leitor conhece a voz quotidiana do autor). Sobreposição? Sim, mas adesão também. Instintivamente procuramos na obra uma presença mais íntima, mais funda, que passa a interessar-nos mais que a presença física. A leitura é uma busca dessa figura espiritual, dessa presença latente. Errado ou não, é um instinto tenaz; por isso o estruturalismo, com a suspensão do autor, provoca reacções tão vivas, tão dramáticas. (...) Por mim, para além das virtualidades da linguagem literária, património comum, trazidas à luz na colaboração do consciente com o inconsciente, o que continua a seduzir-me é a fisionomia única das obras dum autor – a individualidade literária, o *quid* “Garrett”, o *quid* “Pessoa”, inelutável como as impressões digitais³⁰. ▼

²⁶*Ibidem*, pp. 8 - 9.

²⁷*Ibidem*, p. 11.

²⁸Jacinto do Prado Coelho, “Advertência da 1ª Edição” in *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega*, 1ª reimpressão da 3ª edição. Porto: Ed. Figueirinhas, 1984, [1973], p. 7.

²⁹*Ibidem*, p. 10.

³⁰Jacinto do Prado Coelho, *A Letra e o Leitor*. Lisboa: Portugália Editora, 1969, pp. 6 - 7.